

A INFÂNCIA RETRATADA POR DICKENS, TWAIN E BURNETT

Édina M. MECCA
Maria Paula S. BROCK
URI Campus de Erechim

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise do retrato da infância nas obras *Oliver Twist*, *The Adventures of Huckleberry Finn* e *A Little Princess*, de Charles Dickens, Mark Twain e Frances Burnett, respectivamente, a respeito dos aspectos: família (considerando o meio afetivo); situação sócio-econômica (e a exploração do trabalho infantil); e a questão pedagógica (à luz das teorias de Rousseau). Inicialmente, realizou-se o estudo do contexto histórico em que cada obra foi escrita, assim como a análise de alguns conceitos acerca da família e da criança no século XIX. Depois do estudo das obras e dos perfis dos três personagens, é possível afirmar que os protagonistas apresentam semelhanças e diferenças. Ao final, algumas considerações são explicitadas para futuras pesquisas, bem como sugestões de abordagens das obras.

Palavras-chave: Literatura Inglesa. Infância. Mark Twain. Rousseau.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de um estudo realizado como Trabalho de Conclusão de Curso para o curso de Letras, da URI Campus de Erechim. O objetivo do trabalho consistiu em analisar e comparar o perfil de três personagens infantis da Literatura em Língua Inglesa: Oliver Twist (da obra *Oliver Twist*, 1837, de Charles Dickens), Huckleberry Finn (da obra *The adventures of Huckleberry Finn*, 1885, de Mark Twain) e Sara Crew (da obra *A little princess*, 1805, de Frances Burnett).

Tal análise baseia-se nos aspectos pedagógicos das teorias do filósofo Rousseau, justamente por ter sido ele o estudioso a revolucionar a visão da sociedade sobre a infância. Direta ou indiretamente, suas ideias influenciaram a literatura e elas podem ter sido as responsáveis por protagonistas como Oliver, Huck e Sara.

O artigo inicia com a apresentação do contexto em que cada obra foi escrita, a fim de situar cada personagem em seu momento histórico, político e social. Em seguida, apresenta-se um levantamento de dados sobre como a figura da criança e da família eram representadas no século XIX, momento em que as obras foram escritas, assim como um comentário sobre os principais pontos da teoria de Rousseau acerca da infância e da educação.

Após, cada obra é analisada em relação aos aspectos: família (considerando o meio afetivo); situação sócio-econômica (e a exploração do trabalho infantil); e questão pedagógica (à luz das teorias de Rousseau). A comparação dos três perfis permite que ao final da análise se estabeleça as semelhanças e diferenças encontradas entre os personagens.

2 PANORAMA HISTÓRICO DAS OBRAS

Embora a literatura tenha liberdade para criar seus personagens, seu enredo, sua crítica e mensagem, não podemos ignorar que ela atua sempre em um contexto sócio-econômico, político-administrativo, filosófico, cultural e religioso. Ou seja, interpretando este contexto ou atuando mais em sua modificação, “a base de qualquer obra literária é, evidentemente, a própria realidade” (MEGALE, 1980). Desta forma, para melhor compreender os personagens analisados, tem-se a seguir, o panorama histórico do período em que as obras foram escritas.

Charles John Huffham Dickens (1912 - 1970) nasceu em Portsmouth, Inglaterra. Sua infância foi difícil, o que se refletiu claramente em muitas de suas obras. O autor viveu a maior parte de seus anos e escreveu suas obras durante o reinado da rainha Vitória. Sua obra é marcada pela presença de personagens memoráveis e pela denúncia das mazelas sociais de Londres, na

era vitoriana. Com *Oliver Twist*, o autor foi o primeiro romancista a fazer de uma criança o protagonista de uma história.

As obras de Charles Dickens foram influenciadas, principalmente, pela Revolução Industrial que iniciou por volta de 1750, na Inglaterra, desenvolvendo um processo de grandes transformações socioeconômicas que modificaram profundamente a vida de milhões de pessoas no mundo inteiro. Essas transformações relacionam-se diretamente à substituição do trabalho artesanal, que utilizava ferramentas, pelo trabalho assalariado, em que predominava o uso de máquinas. Fontes de energia como o carvão e a eletricidade, substituíram a água, o vento e a força muscular. O país agrário foi se tornando industrializado, com cidades cada vez mais populosas.

Criou-se, em decorrência desta revolução, a relação de oposição entre empresários industriais (burguesia) e operários urbanos (proletariado). Com o objetivo de aumentar os lucros, os empresários pagavam o menor salário possível, enquanto exploravam ao máximo a capacidade de trabalho dos operários. Para sobreviver, o operário trabalhava nas fábricas com toda a sua família, inclusive mulheres e crianças.

Na América, buscou-se o personagem Huck Finn, de Mark Twain. O autor, nascido na Flórida, Missouri, começou a trabalhar com 12 anos, depois da morte do pai. Foi impressor, navegador fluvial, jornalista e escritor. Segundo Camargo (1986), tornou-se um dos escritores norte-americanos mais famosos por sua linguagem coloquial, seus episódios cheios de humor e seus personagens reais. “*He interprets reality and, to a certain extent, even colours it with his imagination.*”¹ (CAMARGO, 1986, p. 41).

A realidade interpretada pelo autor, por meio do protagonista Huck, é o cenário pós-guerra civil. Em meados do século XIX, os Estados Unidos contavam com um vasto território, porém dividido ideologicamente em norte e sul. Ou seja, enquanto os industriais nortistas defendiam o trabalho assalariado e o protecionismo alfandegário, a classe dominante sulista defendia a manutenção da escravidão e a não-implantação do protecionismo. Essas diferenças de interesses levaram sete estados do Sul a se separar da União,

¹ Ele interpreta a realidade e, até certo ponto, a colore com sua imaginação. (Tradução minha.)

fundando os Estados Confederados da América. Explodiu, então, uma violenta guerra civil quando o presidente Abraham Lincoln decidiu reincorporar os estados do Sul à União. Tal conflito ficou conhecido como Guerra de Secessão e ocorreu entre 1861 e 1865. Ao final, as forças do Norte prevaleceram e os prejuízos com a guerra somavam oito bilhões de dólares e 600 mil mortos, segundo Abrams (1976, apud COTRIM, 2001).

Vanspanckeren (1994) relata as mudanças no pensamento dos americanos depois da guerra. Segundo ela, se antes os idealistas defendiam os direitos humanos, depois do conflito os americanos idealizavam mais e mais o progresso e o homem que se faz por si próprio. “Essa foi a era do industrial milionário e do especulador, quando a evolução darwiniana e a ‘sobrevivência do mais adaptado’ pareciam sancionar métodos pouco éticos do magnata industrial bem-sucedido.” (VANSPANCKEREN, 1994, p. 47).

A personagem Sara, por sua vez foi criada pela escritora inglesa Frances Burnett. Em um tempo em que a mulher deveria ser frágil e submissa, Burnett teve uma carreira de sucesso como escritora, com a qual sempre sustentou a família. Muitas de suas histórias foram escritas inicialmente para crianças e acabaram conquistando um público variado, a exemplo da obra aqui analisada.

Sara Crew, nascida na Índia, porém filha de pai britânico, nos remete à relação entre estes dois países. Para que se compreenda esta relação é preciso analisar principalmente o contexto da sociedade europeia no final do século XIX, que vivia o auge do Imperialismo. Tal estratégia consistia na repartição econômica e política do mundo entre as grandes potências capitalistas a fim de conquistar novos mercados e utilizar sua matéria-prima barata.

Dentre as expansões imperialistas, vale ressaltar o esforço da Inglaterra, que viveu com o neocolonialismo o apogeu da política industrial e colonialista, no reinado da rainha Vitória, quando chegou a dominar mais de um quinto da área do planeta. A colônia que merece destaque é a Índia, denominada pelos ingleses de “a jóia do império”.

3 A FAMÍLIA E A CRIANÇA

Winnicott (1959, apud JOHNS; ROBINSON e SHEPHERD, 1997) define a família como um elemento localizado numa sociedade, orientado para a tarefa de lidar com a chegada de um novo indivíduo. Embora pense na família composta por pai, mãe e filhos, Winnicott reconhece que a natureza da mesma varia naturalmente com o padrão da sociedade e salienta a visão inicial da criança com relação à família: uma versão simplificada da sociedade.

No século XVIII, a sociedade assistiu a uma autêntica ascensão da infância ao centro das considerações. Esta transformação, no entanto, não foi isolada. Ela foi resultado e causa de outras mudanças, inclusive no âmbito familiar.

Segundo Zilberman e Magalhães (1987), por volta de 1750, devido à decadência das linhagens e à desvalorização dos laços de parentesco, a família passou a ser uma modalidade unicelular, amante da privacidade e voltada à preservação das ligações afetivas entre pais e filhos.

Richter (1977, p. 36, apud ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1987, p. 5) lembra que “na sociedade antiga, não havia a ‘infância’: nenhum espaço separado do ‘mundo adulto’. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos”. Os pequenos não recebiam qualquer atenção particular e as taxas de mortalidade infantil eram altas. Stone (1979, p. 80, apud ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1987, p. 6) relata que: “As crianças eram frequentemente negligenciadas, tratadas brutalmente e até mortas; muitos adultos tratavam-se mutuamente com suspeita e hostilidade; o afeto era baixo e difícil de ser encontrado.”

O movimento de valorização das crianças, segundo Donzelot (1979, apud ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1987), pretendia valorizar a família burguesa e, no caso das crianças pobres, garantir mão-de-obra futura. A ascensão deste modelo familiar orientado para os filhos ocasionou uma nova qualificação da figura materna, personagem dominante da estrutura moderna.

Entre os pobres o costume era abandonar as crianças aos cuidados de instituições de caridade mantidas pelo poder público ou religioso. O casamento não lhes parecia uma necessidade, assim como não consideravam importante

a educação dos filhos, via de regra ilegítimos. A preocupação com os gastos no cuidado destes pequenos e com a falta de mão-de-obra barata disponível para as indústrias nascentes levou o governo a estimular o matrimônio e a manutenção das crianças.

Cabe salientar que a sociedade europeia era tida como modelo para o resto do mundo na época. Desta forma, este movimento que iniciou na Europa, logo atingiu também os Estados Unidos, assim como ocorreu com o processo de industrialização.

Muito das transformações ocorridas no século XIX com relação à visão da criança se deve às teorias do filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Mostrando que a criança é uma criatura da natureza, que age e cresce em harmonia com suas leis, ele pôs um fim às concepções teológicas tradicionais sobre a infância. Suas doutrinas revolucionaram pontos de vista sobre governo, religião e vida social e mudaram radicalmente as idéias dominantes daquela época.

Rousseau declarou ser a civilização um erro e a sociedade fonte de todo o mal. Queria realizar reformas radicais e imunizar a criança de forma que esta pudesse reagir ao veneno dos contratos sociais. Para ele, a bondade seria a condição original do ser humano, e a maldade, adquirida.

No que diz respeito ao casamento e à família, Rousseau condenou o costume comum dos matrimônios arranjados pelos pais, sem levar em consideração os sentimentos e inclinações naturais dos filhos. Além disso, destacou a importância do pai e da mãe como professores naturais das crianças, afirmando que mais vale um pai ignorante, mas sensato, do que o mais hábil professor do mundo.

Em sua famosa obra *Emílio*, relata de forma romaneada a educação de um jovem acompanhado por um preceptor ideal e afastado da sociedade, a fim de poupá-lo do artificialismo das convenções sociais e dos vícios da hipocrisia.

Propondo uma nova educação, Rousseau põe por terra séculos de teoria e prática educacionais determinadas do ponto de vista dos interesses do adulto e da vida social adulta. No lugar das ideias e opiniões destes, colocou as necessidades e atividades da criança e o curso natural de desenvolvimento.

Uma das concepções derrubadas pelo filósofo era de que a criança é um adulto em miniatura, e que o crescimento em tamanho e o aumento do conhecimento são os processos de educação. Este ponto de vista era tão comum, que as crianças eram vestidas segundo as modas absurdas e prejudiciais de seus pais; as meninas usavam vestidos compridos e corpetes, da mesma forma que o faziam as mulheres, como lembra Eby (1962).

Outra afirmativa da época que foi refutada pelo filósofo era de que a criança deveria ser treinada para ajustar-se à sociedade existente. Para Rousseau, a bondade e a felicidade do indivíduo são mais essenciais do que o desenvolvimento de seu talento para o serviço social.

Eby (1962) destaca que Rousseau inovou na área da pedagogia justamente por considerar a metamorfose da vida humana – infância, meninice, juventude e maturidade – e por priorizar o funcionamento das atividades naturais de cada fase, antes de pensar em inculcar conhecimentos que a civilização havia conservado.

Aranha (1996) lembra algumas críticas feitas à obra de Rousseau, entre elas o fato de propor uma educação elitista uma vez que Emílio era acompanhado por um preceptor, procedimento comum entre os ricos. O próprio Rousseau, no entanto, esclarece que tinha em vista a educação das classes superiores, pois as inferiores não necessitam educação, uma vez que “as circunstâncias da vida produzem nelas o sentimento de igualdade, simplicidade, espontaneidade e todas as outras virtudes de que necessitam” (EBY, 1962, p. 297). Ou seja, os filhos dos ricos é que precisam de uma educação natural, pois são criados no luxo e no artificialismo.

4 ANÁLISE DAS OBRAS

Tendo por base o que foi apresentado até o momento, segue a descrição dos perfis infantis analisados neste estudo. Vale lembrar que os aspectos observados em cada personagem foram o familiar (considerando o meio afetivo), a situação sócio-econômica (e a exploração do trabalho infantil) e a questão pedagógica (à luz das teorias de Rousseau).

4.1 O perfil da criança em *Oliver Twist*

Oliver era um órfão em plena Inglaterra do início do século XIX e, ao lado de inúmeras outras crianças abandonadas, estava “condenado” aos cuidados de instituições públicas mantidas pelo governo ou pela igreja. De forma irônica, Dickens denuncia o modo como os “generosos” funcionários destas entidades tratavam os que precisavam de sua ajuda. Neste ambiente hostil Oliver foi criado, passando fome e sendo maltratado.

Aliás, todas as dificuldades na vida do jovem Oliver Twist advêm do fato de ser órfão: *“Oliver cried lustly. If he could have known that he was an orphan, left to the tender mercies of churchwardens and overseers, perhaps he would have cried the louder.”*² (p. 5)

Percebem-se na obra, traços da ideologia pregada por Rousseau em *Emílio*. Este defendia a ideia de tratar a infância como uma fase especial e prazerosa, pois conhecia a realidade dos altos índices de mortalidade infantil e não queria que a melhor experiência dessas crianças fosse a morte. Encontra-se em *Oliver Twist* uma passagem em que Ricardo, companheiro de Oliver no asilo de mendicância, manifesta o desejo de morrer jovem para fugir do sofrimento que era a vida para ele:

*and I should like to tell him, [...] that I was glad to die when I was very young; for, perhaps, If I lived to be a man, and grew old, my little sister, who is in heaven, might forget me, or be unlike me; and it would be so happier if we were both children there together.*³ (p. 139)

O trabalho infantil, para estas crianças, era rotina.

Well, you have come here to be educated, and taught a useful trade, [...] So you'll begin to pick oakum to-morrow morning at six o'clock, [...] For the combination of

² Oliver chorava convulsivamente. Se ele soubesse que era órfão, entregue à piedade dos curadores e administradores da igreja, talvez ele tivesse chorado mais alto. (Tradução minha.)

³ e eu gostaria de dizer a ele, [...] que eu ficaria feliz em morrer enquanto eu fosse criança; porque, talvez, se eu vivesse até me tornar um homem, e ficasse velho, minha irmãzinha, que está no céu, esqueceria de mim, ou ficaria diferente de mim; e seria tão mais feliz se nós dois fôssemos crianças lá juntos. (Tradução minha.)

*both these blessings in the one simple process of picking oakum, Oliver bowed low by the direction of the beadle.*⁴ (p. 13)

Nota-se aqui, pelo fato da reverência diante da colocação absurda do bedel, uma das marcantes características do protagonista: a obediência.

A pureza e a inocência também chamam a atenção em Oliver, como fica claro no capítulo nove, do primeiro livro. Depois de ser recolhido pela quadrilha, Oliver vê os objetos roubados de Fagin, assiste a um treinamento dos batedores de carteira, porém não descobre a real atividade daqueles garotos, admirando-os, apegando-se muito a eles e até se divertindo: “*Oliver laughed till the tears ran down his face*”⁵ (p.71).

No que diz respeito à família de Oliver, não podemos considerar apenas a questão biológica. Lembrando da definição de Winnicott (1959, apud JOHNS; ROBINSON e SHEPHERD, 1997), podemos afirmar que o protagonista é parte de diferentes famílias ao longo da obra.

Os pais biológicos de Oliver são Agnes Fleming e Edwin Leeford. Há ainda o meio-irmão Monks, e a jovem Rose, irmã de Agnes, que fora adotada pela Sra. Maylie quando criança.

Analisando os “ambientes familiares” pelos quais o protagonista passou, pode-se notar o caráter maniqueísta da obra: ou as famílias eram muito boas, ou muito más. Como experiências negativas, Oliver soma o tempo em que passou no orfanato da paróquia, comandado pela Sra. Mann; no asilo de mendicidade, com Bumble; na casa do Sr. Sowerberry, trabalhando como “urubu” nos enterros; e nas mãos da quadrilha de Fagin. Já na casa do Sr. Brownlow e na da Sra. Maylie, observa-se o oposto. Temos aí o exemplo de família burguesa. É possível perceber nestas duas últimas famílias o cuidado especial que tinham com Oliver, oferecendo-lhe vestimentas, comida e afeto.

⁴ Bem, você veio aqui para ser educado, e para que ensinemos a você um ofício útil, [...] Então você começará a recolher estopa amanhã de manhã às seis, [...] Pela combinação destas duas bênçãos em um simples processo de recolher estopa, Oliver curvou-se diante do bedel. (Tradução minha.)

⁵ Oliver riu até as lágrimas rolarem pelo seu rosto. (Tradução minha.)

Enquanto na companhia das primeiras, o principal objetivo da educação de Oliver era o trabalho, com as últimas Oliver tinha contato com a leitura, com a arte e com a religião.

Além da inocência, citada anteriormente, outra característica marcante no personagem Oliver é a sua bondade e generosidade. Vários trechos afirmam isto, como nas palavras de Rose: “*He is a child of a noble nature and a warm heart*”⁶ (p.342). A integridade de Oliver também vem à tona na recusa do garoto em se tornar um ladrão. Tal força de caráter é explicada na obra como herança do pai do garoto, segundo o Sr. Brownlow, que conhecera Edwin em vida.

4.2 O perfil da criança em *The adventures of Huckleberry Finn*

Ao mencionarmos a família de Huck, é preciso considerar seu pai biológico, mas também os membros de sua família “afetiva” na qual é possível incluir: Miss Watson, Jim, tia Sally e Tom.

Huck era órfão de mãe e seu pai era alcoólatra, de modo que seu relacionamento com ele era muito difícil. Muitos são os relatos de maus tratos: “*He chased me round and round the place, with a clasp-knife, calling me the Angel of Death and saying he would kill me and then I couldn’t come for him no more.*”⁷ (p.80)

Miss Watson aparece na história como a figura materna mais presente. Isso fica claro quando a gangue de Tom exige que cada um ofereça algum familiar para ser morto em caso de traição e Huck oferece Miss Watson, ou seja, ela é reconhecida como o membro mais importante da família de Huck, o único pelo qual se importa e teme perder.

Por último aparece a figura de tia Sally, que adota o menino quando o pai e Miss Watson morrem. Jim e Tom também podem ser considerados parte

⁶ Ele é uma criança de natureza nobre e de bom coração. (Tradução minha.)

⁷ Ele me perseguiu dando muitas voltas naquele lugar, com um canivete, me chamando de Anjo da Morte, dizendo que me mataria e então eu não o procuraria mais. (Tradução minha.)

da família afetiva de Huck uma vez que dividem com ele experiências e aventuras marcantes.

O personagem via a escola como uma prisão:

*I had been to school most all the time, and could spell, and read, and write just a little, and could say the multiplication table up to six times seven is thirty-five, and I don't reckon I could ever get any further than that if I was to live forever.*⁸ (p. 65)

Isso pode ser reconhecido pela linguagem informal do narrador-personagem e pelos erros gramaticais que perpassam toda a obra.

Huck é o personagem analisado que mais se aproxima do ideal de educação naturalista proposto por Rousseau. Embora não pertença à classe burguesa e não seja guiado especificamente por um preceptor, o garoto é a tradução picaresca do “bom selvagem” Emílio:

*It's lovely to live on a raft. We had the sky, up there, all speckled with stars, and we used to lay on our backs and look up at them, and discuss about whether they was made, or only just happened – Jim allowed they was made, but I allowed they just happened.*⁹ (p.179)

É impressionante a naturalidade com que o menino descreve a vida na mata: “*There was a little gray in the sky, now; so I stepped into the woods and laid down for a nap before breakfast.*”¹⁰ (p. 88) Este fato revela a característica mais marcante do personagem Huck: a ânsia por liberdade. Ser civilizado era realmente um sacrifício para Huck. Tanto que, ao final da obra, mesmo depois de ter sido adotado por tia Sally, Huck continua pensando em fugir, e como últimas declarações tem-se: “*But I reckon I got to light out for the Territory*

⁸ Eu estive na escola na maior parte do tempo e sabia soletrar, ler e escrever um pouco, e sabia dizer a tabuada até seis vezes sete são trinta e cinco, e eu não acho que eu pudesse ir mais longe do que isso na minha vida toda. (Tradução minha.)

⁹ É adorável viver em uma jangada. Nós tínhamos o céu, lá em cima, todo salpicado de estrelas, e nós costumávamos deitar de costas e olhar para elas, e discutir se elas foram feitas ou se simplesmente apareceram – Jim achava que elas foram feitas, mas eu achava que elas simplesmente apareceram. (Tradução minha.)

¹⁰ O céu estava cinzento agora; então eu entrei na mata e me deitei para um cochilo antes do café da manhã. (Tradução minha.)

*ahead of the rest, because Aunt Sally she's going to adopt me and civilize me and I can't stand it. I been there before.”*¹¹ (p.369)

A busca constante por aventura também é a marca de Huck. Isso fica evidente quando, ao invés de resgatar Jim da maneira mais segura e simples, o menino, juntamente com Tom Sawyer, inventa um plano envolvendo mensagens secretas e túneis.

4.3 O perfil da criança em *A little princess*

No que diz respeito à família de Sara, tem-se que considerar, mais uma vez, os fatores biológico e afetivo. A menina nascera na Índia, sua mãe era francesa e seu pai, Ralph Crewe, britânico.

A falta da mãe, morta quando a menina nasceu, não chega a ser um problema para Sara: *“Her mother had died when she was born, so she had never known or missed her.”*¹² (p.8) Mesmo assim, a menina usa a sua fé e imaginação para manter o contato com a figura materna: *““She went to heaven,” she said. ‘But I am sure she comes out sometimes to see me – though I don’t see her. So does yours. Perhaps they can both see us now. Perhaps they are both in this room.”*¹³ (p.36)

O Capitão Crew, por sua vez, era um homem muito rico e amava muito sua filha. *“Her young, handsome, rich, petting father seemed to be the only relation she had in the world. They had always played together and been fond of each other.”*¹⁴ (p. 8)

Observa-se que Sara era uma criança burguesa e, como tal, já era tratada de forma diferenciada, com afeto, carinho e amor. Não era considerada

¹¹ Mas eu acho que eu tenho que fugir para o Estado além daqui, porque tia Sally irá me adotar e me civilizar e eu não suporto isso. Eu estive lá antes. (Tradução minha.)

¹² Sua mãe morrera quando ela nasceu, então ela nunca a conheceu ou sentiu sua falta. (Tradução minha.)

¹³ “Ela foi para o céu” ela disse. “Mas eu tenho certeza que ela aparece às vezes para me ver – embora eu não a veja. A sua faz o mesmo. Talvez ambas possam nos ver agora. Talvez ambas estejam nesta sala.” (Tradução minha.)

¹⁴ Seu jovem, belo, rico e carinhoso pai aparentava ser a única relação que ela tinha no mundo. Eles sempre tinham brincado juntos e gostavam muito um do outro. (Tradução minha.)

apenas um adulto em miniatura. Aliás, sua maturidade precoce preocupava o seu pai:

*I am not in the least anxious about her education [...] The difficulty will be to keep her from learning too fast and too much. [...] Drag her away from her books when she reads too much. Make her ride her pony in the Row or go out and buy a new doll. She ought to play more with dolls.*¹⁵ (p. 12).

Revela-se nesta passagem, a preocupação principal de Rousseau com relação à infância: a brincadeira. Ao sugerir que a menina deva brincar mais e ter menos contato com a teoria, o Capitão Crewe concorda que a infância deve ser um tempo de prazer e de brincadeira e não apenas de estudo.

Ainda no âmbito familiar, é possível afirmar que o colégio constituía também um modelo de família para Sara. A diretora, Miss Minchin, exerce inicialmente um papel de mãe protetora, orgulhando-se da aluna que considerava “*a credit to the stablishment*”¹⁶.

Na condição de pobreza em que se encontrou em um segundo momento, sua “família” na escola reduziu-se a apenas alguns amigos: Becky, a jovem empregada do seminário e companheira de Sara nos trabalhos forçados, Ermengarde, a ex-colega considerada menos inteligente pelos companheiros, Lottie, que adorava Sara e era “*a small thing that did not know what adversity meant*”¹⁷ (p.88) e Emily, sua boneca especial, que ganhara do pai quando entrou para o colégio. “*The large family*”¹⁸, que mora perto da escola, pode ser considerada um estereótipo de família burguesa perfeita.

Outra menção à família é feita quando Sara descobre a existência de seu companheiro de quarto, no sótão, o rato Melchisedec: “*He [the rat] was very hungry. He had a wife and a large family in the wall, and they had had frightfully bad luck for several days. He had left the children crying bitterly, and*

¹⁵ Eu não estou nem um pouco ansioso sobre sua educação [...] A dificuldade será detê-la para que não aprenda muito e muito rápido. [...] tire-a dos livros quando ela ler demais. Faça-a passear com seu pônei no ‘Row’ ou saia e compre uma boneca nova. Ela deve brincar mais com bonecas. (Tradução minha.)

¹⁶ Uma honra para o estabelecimento (Tradução minha.)

¹⁷ Uma coisinha que não sabia o que adversidade significava (Tradução minha.)

¹⁸ A grande família (Tradução minha.)

*felt he would risk a good deal for a few crumbs*¹⁹ (p. 94). Tal insistência na figura familiar reforça a idéia de que a família, enquanto fonte de carinho e afeto, é fundamental para o processo de desenvolvimento da criança.

Por último, identificamos como parte da família de Sara o indiano amigo de Ralph Crewe, que devolve toda a herança à menina e ainda, de certa forma, assume o lugar do “pai” da mesma quando se apresenta como seu tutor.

A condição social de Sara é o ponto chave na obra em questão. É possível, por exemplo, dividir o romance em três momentos a partir da situação financeira da protagonista. Na primeira etapa Sara é muito rica, embora não saiba bem a importância disso para a sua vida. Nestas condições, Sara era tratada com muitos mimos e luxo.

Um segundo momento inicia quando Sara repentinamente descobre, no dia de seu aniversário de onze anos, que estava órfã e pobre. A vida da menina se transforma completamente e começa por uma mudança drástica no tratamento por parte da diretora e da maioria das colegas também: “*One of the most curious things in her new existence was her changed position among the pupils. Instead of being a sort of small Royal personage among them, she no longer seemed to be one of their number at all.*”²⁰ (p. 80)

A exploração do trabalho infantil, a fome e os maus tratos passam a ser uma constante nesta nova fase de ex-burguesa. Agora ela era comparada a Becky e, para Miss Minchin, “*maids are not little girls*”²¹ (p. 60). Ou seja, com o novo status Sara é obrigada a amadurecer rapidamente e não é mais vista como uma criança, merecedora de carinho e atenção especial, como deveria ser levando em consideração a sua idade.

A última etapa do romance consiste na retomada do status social inicial, por parte da protagonista, recuperando sua fortuna, agora ainda maior do que antes.

¹⁹ Ele [o rato] estava faminto. Ele tinha uma esposa e uma grande família na parede, e eles tinham tido uma má sorte assustadora por muitos dias. Ele deixara as crianças chorando amargamente, e sentiu que deveria correr o risco por algumas migalhas. (Tradução minha.)

²⁰ Uma das coisas mais curiosas na sua nova existência era a sua mudança de posição entre os alunos. Ao invés de ser uma espécie de pequena personagem Real entre eles, ela parecia não mais ser um deles em absoluto. (Tradução minha.)

²¹ Empregadas não são menininhas. (Tradução minha.)

Outro aspecto importante a ser destacado na obra são as características psicológicas marcantes da protagonista. A que mais chama a atenção, com certeza, é a capacidade de imaginação de Sara. É esta habilidade, aliás, que faz com que a menina suporte todas as privações pelas quais passou enquanto estava pobre e dormia no sótão.

Além disso, embora seu pai insistisse para que ela brincasse e tivesse atitudes próprias de crianças de sua idade, Sara se mostra muito madura desde o início da obra. Tal maturidade fica clara quando a pequena toma conta de Lottie, intitulando-se sua mãe: “*‘Have you forgotten? Don’t you know that Sara is your mamma? Don’t you want Sara for your mamma?’*”²² (p. 52)

Mais qualidades marcantes são a generosidade e a honestidade, evidenciadas em muitas passagens do romance, mas especialmente naquela em que faminta, Sara encontra uma moeda de “*fourpence*” no chão, vai até a padaria e pergunta se tal dinheiro não pertence à dona do estabelecimento. Obtendo resposta negativa, Sara compra quatro pães com a quantia e ganha mais dois da mulher da padaria. Saindo de lá, Sara dá cinco de seus pãezinhos para outra menina que também passava fome.

Embora generosa e humilde, mesmo durante o tempo em que era rica, Sara demonstra ser orgulhosa em algumas situações como quando não conta a Ermengarde que passa fome: “*‘I didn’t want you to know,’ Sara said. ‘It would have made me feel like a street beggar.’*”²³ (p. 152)

A obediência, no caso de Sara, era por necessidade, considerando a situação em que se encontrava. Não que fosse uma menina desobediente, porém temos em Sara uma criança questionadora. Em vários trechos a pequena desafia Miss Minchin, não chegando a desrespeitá-la, mas contestando algumas afirmações. Como acontece na passagem em que a protagonista responde à diretora: “*You are not kind and this is not a home.*” (p.159)²⁴

²² “Você esqueceu? Você não sabe que Sara é a sua mamãe? Você não quer Sara como sua mamãe?” (Tradução minha.)

²³ “Eu não queria que você soubesse,” disse Sara. “Isto teria me feito sentir como um mendigo.” (Tradução minha.)

²⁴ Você não é gentil e isto não é um lar. (Tradução minha.)

4.4 Semelhanças e diferenças entre os perfis

Analisando os perfis dos três protagonistas em questão, podemos apontar algumas semelhanças e diferenças entre eles. Dentre os pontos em comum, o que mais chama a atenção é a ausência da mãe biológica durante a infância.

É sabido que no século XIX, com a ascensão de um modelo familiar voltado para os filhos, a figura materna passou a ser um personagem dominante. Logo, as obras retratam, de certa forma, o que pode acontecer quando a mulher deixa, por uma razão ou outra, de desempenhar este papel. As conseqüências desta falta não chegam a ser desastrosas no caso dos personagens em questão, uma vez que todos têm um final feliz, mas faz os pequenos enfrentarem situações muito difíceis.

Aliás, esta é outra similaridade entre as obras. Todos os personagens passam por situações difíceis em sua existência, verdadeiros desafios que cada um enfrenta a seu modo. Oliver encara os maus-tratos e o trabalho a que é submetido mantendo sempre sua conduta honesta e seu bom coração. Da mesma forma, Sara suporta a pobreza e a fome por meio de sua imaginação fértil, e Huck se livra do pai utilizando-se de sua astúcia.

Mais uma característica em comum é o desfecho das obras, sempre com alguém disposto a adotar ou acolher os personagens, como uma recompensa por todo o sofrimento até chegarem ali. Oliver é adotado pelo bom Sr. Brownlow, Huck, embora não gostando muito da ideia de ser civilizado, é adotado por tia Sally e Sara passa a viver ao lado de Ram Dass, “*the Indian gentleman*”. Isso reforça a ideia de que a família biológica não é a única capaz de preparar o indivíduo para a sociedade. Isto cabe àquela que oferece afeto e carinho para a criança, independentemente dos laços sanguíneos.

Igualmente, traços da teoria de Rousseau podem ser encontrados em cada uma das obras, provando que sua filosofia influenciou a educação, o que refletiu nas obras analisadas. Em *Oliver Twist*, Dickens ainda trabalha em uma perspectiva muito mais de denúncia do que acontecia com a infância na época

do que de pregar modelos de boa educação. No entanto, Oliver já é visto como um ser distinto do ser adulto. Sara, por sua vez, evolui neste quesito quando é tratada com todos os mimos possíveis pelo seu pai, que insiste para que a menina brinque e aproveite esta fase diferenciada que é a infância, revelada por Rousseau.

Huck, dentre os três, é o que mais se aproxima da teoria da educação proposta pelo filósofo, pois ele não frequenta a escola e aprende as noções básicas sobre a vida em contato direto com a natureza. É impossível não lembrar do jovem Emílio, de Rousseau ao conhecer a história de Huckleberry Finn, o “bom selvagem” de Twain. Além disso, o fato de ser o narrador-protagonista da obra lhe confere grande liberdade de expressão. É a criança sendo verdadeiramente o centro das atenções na literatura.

Sendo assim, os três personagens, embora pertencendo a épocas e realidades diferentes, mantêm traços em comum no que diz respeito à família e à educação. Lutam para vencer seus desafios e fazem parte da nova visão de criança proposta por Rousseau.

Obviamente, como se trata de obras distintas, é possível apontar também oposições entre as mesmas. Desta forma, levando em conta o enfoque deste trabalho, os personagens Oliver e Sara se aproximam em muitos aspectos enquanto Huck se distancia. Isso se deve, principalmente, pelas características românticas que os dois primeiros conservam em oposição ao caráter mais realista do último.

O primeiro aspecto em que as obras se opõem é o sócio-econômico: enquanto Sara e Oliver passam por experiências de extrema pobreza e de riqueza, Huck mantém-se sempre na classe baixa, com estilo de vida simples, ligado à natureza e à satisfação das necessidades básicas de sobrevivência.

Outro ponto é a bondade dos personagens. Oliver e Sara eram extremamente “bons de coração”. Diante de algo errado, não titubeavam, nem havia possibilidade de serem corrompidos e, inúmeras vezes, provaram isso ao longo das obras. Huck, por sua vez, também é bom, porém sua bondade é mais realista, considerando a complexidade da alma humana. Huck fica tentado, por exemplo, a entregar Jim para ficar com a recompensa, o que

acaba não fazendo – fato que comprova a boa índole do menino. Em outras ocasiões se envolve com gangues e pensa em roubar. Tudo isso acaba não se concretizando, mas deixa claro que Huck não era uma criança extremamente boa, incorruptível como Sara e Oliver.

Quanto à família biológica, já foi comentado sobre as mães ausentes dos personagens e esta é uma questão que aproxima os três. O que os difere, no entanto, é o fato de os pais de Sara e Oliver serem apresentados como pessoas muito boas, perfeitas, praticamente “santos” que partiram deste mundo deixando suas pobres crianças que tanto amavam. No caso de Huck, tem-se um pai alcoólatra, que maltrata o filho e o faz sentir repulsa. Sua morte não é lamentada como foi a do pai de Sara, por exemplo.

O trabalho infantil também constitui um contraponto entre as obras. Enquanto Oliver e Sara são obrigados a trabalhar em boa parte da obra, sobre Huck tem-se apenas uma passagem na qual o pai obriga o garoto a conseguir dinheiro para ele, o que ele faz pedindo ao juiz. O fato é que a obra de Huck está mais voltada à denúncia do racismo e de outras questões mais pertinentes à sociedade norte-americana do que o trabalho infantil, mais preocupante na Europa, naquela época.

É possível, ainda, estabelecer uma escala entre os três protagonistas de acordo com o grau de obediência que cada um exerce na obra. Em primeiro lugar aparece Oliver, que obedece cegamente a todos, exceto quando a ordem vai contra seus princípios, como roubar, por exemplo. Em seguida tem-se Sara que, apesar de ser muito obediente, é também questionadora. E por último Huck, com sua rebeldia sempre prevalecendo, a favor de sua liberdade e contrário à “civilização”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ponto, é interessante retomar o objetivo principal do trabalho, que foi o de apresentar uma análise do retrato da infância nas obras *Oliver Twist*, *The Adventures of Huckleberry Finn* e *A Little Princess*, de Charles Dickens,

Mark Twain e Frances Burnett, respectivamente, a respeito dos aspectos: família; situação sócio-econômica; e questão pedagógica.

É possível afirmar que os objetivos foram alcançados, confirmando que os três personagens analisados têm aspectos em comum e, também, aspectos divergentes.

Uma análise mais profunda de cada obra tornou-se inviável por conta de fatores como o curto espaço de tempo em que a pesquisa foi desenvolvida e o número de obras que se escolheu para analisar. Também pela falta de tempo, optou-se por não envolver no projeto o desenvolvimento de alternativas didático-metodológicas utilizando os romances estudados, já que estas demandariam pesquisa de campo e testagem adequada em sala de aula.

É reconhecida, no entanto, a relevância do trabalho com a literatura da língua inglesa nas aulas deste idioma. Sem dúvida, este trabalho pode contribuir para a inserção do estudo das obras em questão em sala de aula. É possível que se faça isso, não necessariamente com a leitura das mesmas na íntegra, mas por meio de adaptações ou filmes. Inúmeras são as possibilidades de desdobramento de um projeto que envolva as obras estudadas nesta pesquisa. Elas permitem discutir temas como família, infância, trabalho infantil, exclusão social e racial, fatos históricos, entre outros.

Pode-se, por exemplo, realizar um debate sobre a obra estudada, com enfoque em uma das temáticas citadas anteriormente, instigando os alunos para que desenvolvam seu senso crítico e sua espontaneidade. Outra opção seria promover a pesquisa sobre o contexto histórico da obra e, com base nisso, traçar o perfil do protagonista com os alunos. É igualmente possível que se proponha uma comparação dos personagens infantis, com as crianças da atualidade, imaginando, talvez, como Oliver, Huck e Sara agiriam se vivessem no tempo atual e por quê. No âmbito da língua inglesa em si, o projeto poderia abranger atividades que envolvesse o vocabulário presente no livro/filme ou outros aspectos puramente linguísticos.

Este, porém, seria o foco de um estudo posterior, a ser realizado e testado. Assim como, também, fica em aberto o encaminhamento para outras investigações acerca de tais obras, quem sabe enfocando outras áreas do

conhecimento, diferentes personagens ou apenas aprofundando o que foi analisado aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BURNETT, Frances Hodgson. **A little princess**. London: Hodder Children's Books, 1992.

CAMARGO, Marisis Aranha. **Basic Guide to American Literature**. São Paulo: Pioneira, 1986.

COTRIM, Gilberto. **História global: Brasil e geral**, volume único. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. London: Penguin Books, 1994.

EBY, Frederick; ALMEIDA, Maria Angela Vinagre de (Trad.). **História da educação moderna: teoria, organização e prática educacionais**. Rio de Janeiro: Globo, 1962.

JOHNS, Jennifer; ROBINSON, Helen Taylor; SHEPHERD, Ray (Org.). VERONESE, Maria Adriana Veríssimo (Trad.). **D. W. Winicott pensando sobre crianças**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MEGALE, Heitor. **Elementos de Teoria Literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

TWAIN, Mark. **The Adventures of Huckleberry Finn**. London: Penguin Books, 1994.

VANSPANCKEREN, Kathryn; BIATO, Márcia (Trad.). **Perfil da literatura americana**. [S.l.]: Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, 1994.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.